Isto significa que a extensão da intuïção ao infinito é ilegítima e conduz a contradições com a lógica, ou ainda, que as conclusões retiradas da extensão da intuïção ao infinito são contraditórias com as que são obtidas por via lógica. Intuïtivamente o infinito devia ser maior que a sua parte; matemàticamente o infinito pode ser equivalente à sua parte.

A contradição resulta de que o conceito de infinito corresponde apenas à possibilidade indefinida de extensão, extraída de tôda e qualquer intuïção, e da impossibilidade de *actualizar,* no infinito, qualquer intuïção, enquanto o axioma referido tem as suas origens numa intuïção do finito. A contradição com a lógica só teria existência real se eu pudesse dizer: tal intuïção, actualizada no infinito... (por exemplo, o espaço infinito), e aplicar-lhe o axioma. Mas tal afirmação não tem sentido, é ilegítima, pela razão indicada; é psicològicamente impossível, pois infinito corresponde apenas à constatação imediata da possibilidade de repetição infinda e não a qualquer representação actualizada.

Parece, à primeira vista, perfeitamente natural transpor para o ambiente o axioma «o todo é maior do que a parte»; e no entanto, pelas razões acima, vemos que tal transposição é perfeitamente impossível. Não há pois contradição alguma com as conclusões da lógica matemática; tal contradição só existe quando, transpondo as possibilidades psicológicas, nos representamos *ilusòriamente* uma intuïção no infinito (espaço, tempo, grandezas infinitas).

Esta impossibilidade da intuïção representativa ante a lógica é análoga, exactamente, à que corresponde ao facto lógico-matemático de zero a dividir por zero ser igual a qualquer número, de *a* elevado a zero ser igual a um; à que corresponde aos números negativos, complexos, imaginários, às geometrias não-euclidianas, etc., factos todos estes em que a intuïção representativa não pode acompanhar a construção lógica, e quando pode acompanhá-la, é conduzida muitas vezes a incompatibilidades.

Isto põe o problema agúdo das relações da lógica com a intuïção, que não trataremos aqui, por estar fora do nosso tema; seja como fôr, nós vemos *que a extensão da intuïção ao infinito é ilegítima.*

Esta conclusão é capital porque o processo habitual do espírito a que acima nos referimos, de *actualização simbólica,* pelo qual êle confere a certos símbolos uma representação que lhe não corresponde, aplica-se exactamente aos casos de espaço e tempo infinitos, e outros. O elemento legítimo do processo é apenas a extensão infinda da possibilidade; quando porém copulamos tal processo, reduzido a símbolo, com uma intuïção, isto é, quando preenchemos o símbolo com essa intuïção, realizamos uma actualização simbólica que nada legitima. Dizer: Espaço Infinito, Tempo Infinito, é precisamente realizar actualizações simbólicas dêsse género, tão ilegítimas como dizer que, no infinito, o todo é maior que a sua parte.

Psicològicamente podemos apenas dizer que dada uma intuïção, espaço ou tempo, podemos dividi-la, ou estendê-la, indefinidamente; sempre a representação nos dará um fluxo em devenir, sem fim; quando pelo contrário dizemos — Espaço ou Tempo absoluto, *actualizamos simbòlicamente* um processo que, psicològicamente, por sua própria natureza, é impossível de actualização. Achamo-nos em face, não de contradições lógicas, mas de impossibilidades psicológicas, de um género até certo ponto análogo àquele que torna irreductíveis as côres — como sensação — umas às outras, ou a côr e o som, onde no entanto existe, objectivamente, um elemento comum, a ondulação. A irreductibilidade, no caso presente, provém de que a possibilidade infinda de repetição é um dado que, por sua própria natureza psicológica não pode copular com uma intuïção; pois que não podemos, *efectivamente,* realizar esta intuïção no infinito: e isto porque tal infinito não é mais psicològicamente, do que a representação do fluír sem fim. Por forma que, ao actualizarmos ficticiamente o símbolo, depois de termos copulado o símbolo com a intuïção, construímos apenas uma ficção, uma miragem, sem a menor consistência psicológica. Tal símbolo representa apenas um pseudo-conceito, ou um conceito com um pseudo-conteüdo: e isto porque tal conteüdo é impossível em face do processo psicológico que lhe corresponde.

Se em vez do fluír sem fim, no sentido da extensão, considerarmos o fluír sem fim, no sentido da divisão, ou num fluxo infinitesimal de derivados, o caso é exactamente o mesmo. Sirva-nos agora o exemplo se-